

**MEMÓRIA E DISCURSO (IN)FORMADOR DA MULHER CRISTÃ-
CATÓLICA-CIDADÃ, GRUPO ESCOLAR ALCIDES BEZERRA,
CABACEIRAS, 1940.**

Paula Faustino Sampaio*

Neste texto a intenção é discutir a reaproximação política entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica nas décadas de 1930 e 1940, especialmente no que dizia respeito à educação da mulher cristã-católica-cidadã. Para tal, analisaremos o relato oral de memória da professora Severina Barros, rico acerca das práticas religiosas e educacionais, e a lenda ‘A virgem das rosas’, livro Crestomatia, que teve 17 edições, na década entre 1931 e 1944, lida por ela e por seus alunos(as) em processo de alfabetização no Grupo Escolar Alcides Bezerra, na vila de Cabaceiras, na década de 1940.

Palavras-chave: Educação religiosa, memória e mulheres

Severina Silvina de Barros que nasceu em Cabaceiras, PB, em 29.10.1916, e foi entrevistada por mim em 20.03.2004, quando tinha 87 anos de idade. Residiu na Cidade de Cabaceiras até o seu falecimento, ocorrido no segundo semestre de 2004. Seu relato oral de memória é único, rico e repleto de discursos sobre cotidiano religioso naquela vila federal.

Assim como outras fontes, a fonte oral tem suas especificidades. O historiador Antonio Torres Montenegro privilegia a discussão sobre a fonte oral e a memória. Segundo ele, os registros da memória resultam de operações complexas, seletivas, uma vez que a memória é trabalho de ressignificação do presente.¹ Para o autor, marcas e conteúdos lembrados/narrados surgem de formas variadas, sendo possível apontar algumas histórias que o público entrevistado tem, conscientemente, preservadas em sua memória.²

*Mestre pela UFPE, prof^a do Colégio Alice Coutinho e Projovem Saberes de Terra. Este trabalho é parte da dissertação (mestrado) *Mulheres (in)dóceis*: discursos e práticas de mulheres na vila de Cabaceiras-PB, 1930-1949. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009, orientada pelo Prof.^o Dr. Antonio Torres Montenegro, a quem agradeço a orientação e generosidade.

¹ Cf. MONTENEGRO, 2006.

² Cf. Id., 1994, p. 15

Particularmente no que se refere à relação entre ‘história oral’ e ‘história das mulheres’, a antropóloga Adriana Piscitelli, tratando das particularidades do trabalho sexuado da memória, mostra algumas perspectivas atuais sobre a memória feminina. Uma destas perspectivas entende que as lembranças das mulheres relacionam-se com o domínio da família, do privado e do doméstico; outra afirma que as referências temporais da memória feminina associam-se aos ciclos familiares; por fim, há uma perspectiva que pensa as lembranças femininas enquanto lugar de preservação de temas integrados ao domínio afetivo e individual.³

A técnica história de vida, por concentrar-se nas experiências individuais ou coletivas, seduziu antropólogos e historiadores do tema, que a consideram como instrumento importante para o conhecimento sobre a vida das mulheres. Adriana Piscitelli utiliza “entrevistas tipo histórias de vida”, uma vez que traça trajetórias individuais, nas quais são privilegiados inúmeros aspectos das experiências particulares de mulheres habitantes do Sul de Minas Gerais, tais como: educação, organização do cotidiano, namoro, festas, valores religiosos, trajetória familiar, participação política, etc.

O relato de Severina Barros nos remete ao povoado denominado Carootá de Fora, município de Cabaceiras, às margens do rio Taperoá, onde morava seus pais, o casal Silvina Vital de Barros e José Gomes de Aquino ao longo as décadas de 1903 e 1940. O casal tinha também os filhos Elpídio, Eulália e Josefa.

De segunda a sábado, do nascer ao pôr do sol, no sítio dessa família, todos trabalhavam na agricultura e na pecuária. No domingo acordavam pouco antes do raiar do sol. Silvina preparava o café no fogão à lenha; José, as filhas e o filho cortavam capim e palma para o gado. Após esses afazeres, caminhavam seis quilômetros até a igreja matriz na vila de Cabaceiras, onde às oito horas assistiam à missa.

Participavam também das celebrações da Quaresma, da Semana Santa, da festa da padroeira Nossa Senhora da Conceição (no dia oito de dezembro), da festa de Natal e Ano Novo e da festa de Reis, seguindo fielmente o calendário da Igreja Católica Romana. Nestas ocasiões, Silvina e os filhos ficavam na casa que a família possuía na vila, nas proximidades da igreja, de onde ouviam o soar do sino. José retornava ao sítio logo após as orações. Era assim no tempo da chuva ou no tempo da estiagem.

³ Cf. PISCITELLI, 1993.

Ao longo das décadas de 1930 e 1940, além das festas religiosas na vila, esta e outras famílias de pequenos proprietários de terra participavam, no mês de maio, do culto religioso católico dedicado à Virgem Maria.

No povoado de Coroatá de Fora, a família de Silvina e José encontrava os parentes da família Alcântara, da família Aquino, da família Vital e da família Neves reunidos na casa de Pedro e Maria da Glória Alcântara. Nesta casa, nas 31 noites do mês de maio, Maria da Glória, que era chamada de madrinha Maria por ser madrinha de batismo, por ajudar nos partos e por catequizar as crianças do povoado, iniciava as orações.

Naquela sala de chão de terra batida, à noite, à luz de velas ou de lampião a querosene, a vizinhança encontrava-se reunida em frente ao oratório, espécie de armário pequeno onde ficava a imagem da Virgem Maria, de Jesus Cristo e de outras figuras tidas como santas pela Igreja Católica. A devota Maria da Glória rezava as orações (credo, pai-nosso, ave-maria e salve-rainha) e também iniciava os cânticos religiosos, sendo seguida pelos parentes e amigos ali presentes.

Na última noite do mês de maio, cumprindo todo um ritual centrado na figura de Maria, instituído pela Igreja Católica Romana e vivido no cotidiano daquele povoado, coroava-se a imagem da Virgem Maria.⁴ Depois, em uma grande fogueira, queimavam-se as flores que haviam enfeitado o oratório, guardando-se as cinzas para usar na Quarta-Feira de Cinzas como sinal marcado em cruz na frente, indicativo de recolhimento espiritual.

Nas décadas de 1930 e 1940, os encontros para oração, onde se reuniam trabalhadores rurais e líderes políticos locais, nas casas espalhadas pelos povoados ou na igreja matriz, constituíam-se em um dos principais espaços para a socialização desse discurso da Igreja Católica acerca do feminino. Discurso que reafirmava os valores católicos de submissão, de fidelidade, de crença, de honra e de contrição, junto a uma população de homens e mulheres com pouca ou nenhuma instrução escolar.

Sobre esse momento da infância e da juventude, marcado pela presença do discurso religioso, Severina Silvina de Barros relatou:

Quando era de noite tinha, tinha lá uma vizinha... Todo mundo chamava madrinha Maria. Ela rezava o mês de maio. A diversão da gente era o mês de maio que ela rezava. E reunia de noite pra gente ir pra casa de madrinha Maria. A gente chegava ali... Um ficava do lado de fora da janela, outro do lado de dentro. As janelas eram abertas. Ai

⁴ Cf. DENIS, op. cit.

se conversava. Às vezes recebia carta, que quando ele não ia mandava uma carta para mim. Eu recebia a carta, guardava pra eu ler em casa. Recebia as cartas quando ele não ia, dizendo que não ia, porque não sei o quê... [risos]. Não era propriamente escondido não, mas papai e mamãe não sabiam. A gente ia de noite lá nessa casa, era compadre de papai e de mamãe. Gente muito... Gente muito amiga. A gente ia pra cantar nas novenas ‘Com minha mãe estarei’... E tinha outros hinos.⁵

A sala da casa de Maria da Glória tinha três janelas. Aqueles que chegavam antes do início das orações ficavam dentro da sala; os que chegavam durante as orações ficavam próximos às janelas ou à porta, onde fosse possível fazer as orações, entoar os cânticos, conversar em voz baixa, entregar ou receber uma carta. Na juventude de Severina Silvina, na década de 1930, os encontros para o culto à Virgem Maria durante o mês de maio, nessa casa, constituíram-se também em uma possibilidade de conversa, de divertimento e de namoro às escondidas, ou não, de recebimento de cartas do namorado.

Severina Silvina, seu namorado e a pessoa que entregava as cartas usaram os encontros religiosos, controlados pelas famílias e pela religião católica, para seus interesses pessoais. Estas pessoas burlavam sub-repticiamente⁶, de modo não declarado, sem provocar estardalhaço, os valores de submissão, de recato, de obediência, aproveitando a ocasião para tirar um proveito passageiro. Embora não tenham rompido diretamente com os preceitos do catolicismo que norteavam suas vidas, estas pessoas, mais propriamente Severina, usaram o momento de encontro da vizinhança, de religiosidade, marcado pelo discurso da Igreja Católica que se queria monopolizador da vida daquelas pessoas, para tirar um proveito momentâneo.

Durante a infância na década de 1930 e juventude na década de 1940, ela e outras mulheres e homens moradores de Cabaceiras-PB cantaram ‘Com minha mãe estarei’ e ‘Queremos Deus que é nosso pai’. Estes hinos podem ser encontrados no livro de cânticos *Harpa de São*, que fora editado pela paróquia de Juiz de Fora/MG, no ano de 1922.⁷

Os hinos ‘Com minha mãe estarei’ e ‘Queremos Deus que é nosso Pai’ faziam parte do cotidiano religioso de mulheres de Cabaceiras desde antes da utilização do

⁵ Entrevista n. 29. Severina Silvina de Barros nasceu em Cabaceiras, PB, em 29.10.1916. Foi entrevistada em 20.03.2004, quando tinha 87 anos de idade. Residia na Cidade de Cabaceiras até o seu falecimento, ocorrido no segundo semestre de 2004.

⁶ Cf. CERTEAU, 1994.

⁷ Apenas um do volumes que compõem o livro de cânticos *Harpa de São* faz parte do arquivo da paróquia Nossa Senhora da Conceição. Secretaria da Paróquia, Cabaceiras, PB, rua Joaquim Gomes Henriques, 77.

livro pelo Coral, conforme apontam relatos orais de memória de Severina Barros. Por outro lado, a utilização do livro *Harpa de Sião*, pelo coral da igreja matriz, pelo padre ou mesmo pelo músico que tocava serafina reforçou a prática de cantá-los nas orações do mês de maio, tanto na igreja matriz quanto nas diversas casas dos povoados da região onde os trabalhadores se reuniam.

No hino ‘Com minha mãe estarei’, muito cantado naquela época e registrado nos relatos orais de memória de mulheres que participavam das orações do mês de maio, afirma-se o encontro da pessoa que ofendeu Jesus com a Virgem Maria. Ao mesmo tempo em que a pessoa admite ter ofendido Jesus, clama por Maria, mãe de Jesus. A estas palavras de submissão soma-se o ato de ficar de joelhos, com a cabeça baixa, esperando o apoio da mãe imaculada Maria, junto a quem espera chorar as ofensas cometidas contra Jesus Cristo.

Assim, a Virgem Maria aparece como a mãe que escuta o clamor do filho. Por sua vez, o filho tem em Maria “fé viva e ardente”, acredita encontrar nela apoio para “com firmeza e valentia evitar o mal”, ficar longe das “falsas carícias, prazer, torpes delícias” e fugir das sensações do mundo terreno.

A Virgem Maria é a “mãe imaculada”. É a “mãe de toda a pureza”, honestidade, à qual o(a) filho(a) reafirma sua fidelidade. Nessa relação de dominação, a Virgem Maria aparece como a “mãe afetuosa” capaz de interceder a favor dos homens aflitos que, mostrando-se logo de início em posição de inferioridade, pedem para ser ouvidos por Deus.

Observa-se a construção, por meio da linguagem, de uma representação sobre Maria enquanto modelo de mãe. Na imposição deste modo de relacionamento submisso, Maria é uma das representações utilizadas para doutrinar acerca da humildade, da resignação e da obediência.

Este e outros hinos cantados por Severina Barros, nas décadas de 1930 e 1940, época da sua infância e juventude, e por mais pessoas em Cabaceiras que participavam dessas orações, dizem sobre atitudes de submissão para conseguir ser aceito(a) pela Igreja Católica.

Na paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Cabaceiras, nas décadas de 1920 a 1940, o culto à representação da Virgem Maria acontecia ao longo do ano e, especialmente, durante o mês de maio e na festa da padroeira, em oito de dezembro, por meio de cânticos e orações.

Essa prática das orações e cânticos no mês de maio reforçava o dogma da Imaculada Conceição (Virgem Maria, mãe de Jesus), instituído pela Igreja Católica em 1854. Desde a segunda metade do século XIX, o discurso católico enfatizava a preservação da pureza, da virgindade da mulher, da maternidade como princípios norteadores da vida feminina.⁸

Naquela época, os encontros para oração, onde se reuniam trabalhadores rurais e líderes políticos locais, nas casas espalhadas pelos povoados ou na igreja matriz, constituíam-se em um dos principais espaços para a socialização desse discurso da Igreja Católica acerca do feminino. Discurso que reafirmava os valores católicos de submissão, de fidelidade, de crença, de honra e de contrição, junto a uma população de homens e mulheres com pouca ou nenhuma instrução escolar.

Esta arte de usar um momento de socialização católico em favor próprio distanciava-se do que estava estabelecido para o comportamento de homens e de mulheres pelo discurso religioso do hino ‘Com minha mãe estarei’. Esta conduta feminina nos momentos de oração do mês de maio pode significar que, embora o discurso dos hinos católicos acerca do papel da mulher na recristianização fosse veemente nas orações no povoado de Carotá de Fora, na prática este discurso não controlava totalmente os indivíduos. Pode significar também que algumas pessoas, assim como Severina, se desviaram ocasionalmente do que era imposto pela Igreja, mas não se desviaram do ato de cultuar a Virgem Maria, nem contestaram o modelo de mulher e mãe amplamente difundido.

Na década de 1930, Severina Silvina de Barros, a mesma que freqüentava as orações do mês de maio e recebia cartas do namorado durante as orações, trabalhou como professora em Carotá de Fora, em escolas que funcionavam na casa de algumas famílias, nos povoados de Boqueirão, de São Domingos e de Ribeira. Entre os anos de 1946 e 1951, Severina Silvina lecionou no Grupo Escolar Alcides Bezerra, na vila de Cabaceiras. Ela e seu pai obtiveram do prefeito José Nunes um contrato para a função de professora no Grupo Escolar.

Tanto nas aulas nas casas dos fazendeiros quanto nas do Grupo Escolar, Severina Silvina ensinava algumas crianças a ler, escrever e realizar as quatro operações matemáticas. Sobre o método de ensino utilizado, Severina relatou: “Cada um tinha que

⁸ Cf. CORBIN, Alan. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 503-561.

dar sua lição, sua leitura. [...] Cada um tinha que abrir seu livrinho, estudar a lição e ficar perto da gente. [...] Fossem dez meninos... todos dez tinham que fazer leitura.”⁹ Depois do aprendizado do abecedário, as crianças passavam a ler pequenos textos e “a dar a lição”, mostrando para a professora que dominavam a leitura.

Josefa da Silva Neves, filha de Maria Carneiro, que aprendeu as orações com a mãe e praticava todos os dias, também moradora do povoado de Corroatá de Fora, foi uma das alunas de Severina no Grupo Escolar. Quando Severina Silvina foi morar na vila, na casa de propriedade de seus pais, para poder trabalhar no Grupo Escolar, Josefa a acompanhou. Ela devia fazer companhia a Severina, cuidar da casa e estudar no Grupo Escolar aprendendo a ler, a escrever e a realizar as operações matemáticas.

Entre os livros que a professora Severina usava para selecionar os textos a serem lidos por Josefa e demais alunos e alunas, estava um denominado *Crestomatia*. Assim como conservou o catecismo usado nos encontros catequéticos, Severina guardou um dos materiais didáticos utilizados nas aulas no Grupo Escolar.

O livro *Crestomatia* foi organizado pelo professor Radagasio Taborda, catedrático do Ginásio Estadual do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre. Segundo o autor, o “modesto livrinho [dirigido] ao professorado e à mocidade estudiosa”¹⁰ tinha como objetivo facilitar para o aluno a aprendizagem da ortografia oficializada pelo decreto nº 20.108, de 15 de junho de 1931, assinado pelo presidente Getúlio Vargas.

Na apresentação de sua obra, Radagasio Taborda fala sobre “a leitura atenta, sob a direção esclarecida do professor, a análise e interpretação dos bons escritores [...] o melhor parecer, o único adequado para transmitir ao aluno o conhecimento da língua, iniciando-o na arte de escrever.” E diz que o livro, “entregue para o manuseio da juventude estudiosa”, “trata das normas do Português e do seu ensino, contendo fragmentos de textos, cuja seleção foi norteadas pelas normas e preceitos dos grandes mestres da pedagogia moderna.”¹¹

Após apresentar as regras da ortografia e do ensino do Português, o livro divide-se em duas partes. A primeira contém os seguintes tópicos: narrativas e lendas; dissertação – moral e religião, descrições; geografia, história, biografia; humorismo, fábulas e anedotas. A segunda parte é composta por: apólogos e alegorias; sonetos – poesias líricas; descrições; odes, poesias épicas; sátiras – epigramas. Entre 1931 e 1944,

⁹ Entrevista n. 29, doc. cit.

¹⁰ TABORDA, Radagasio. **Crestomatia**: excertos escolhidos em prosa e verso. 17. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

¹¹ *Ibid.*, p .2.

Crestomatia teve 17 edições. Um exemplar da 17ª edição pertencia a Severina, que selecionou alguns contos para ler, talvez com seus alunos.

Principalmente nos tópicos ‘narrativas e lendas’ e ‘dissertação – moral e religião’, os temas estão ligados direta ou indiretamente ao catolicismo. Foi nestes tópicos que Severina selecionou e enumerou alguns textos, entre os quais estavam ‘O sineiro da aldeia’, ‘Herói obscuro’, ‘A academia silenciosa’, ‘A derribada’, ‘A virgem das rosas’, ‘Noemi’, ‘A pátria’, ‘Retrato de Cristo’, ‘Gratidão e triunfo’, ‘Jesus Cristo’, ‘A ira dos bons’.

A lenda “A virgem das rosas”, escrita por S. S., conta sobre a filha caçula de um camponês. A menina, “inocente como um anjo”, despertava ao alvorecer, colhia flores em seu jardim e levava até a estátua da Virgem das Rosas. Em seguida, “punha-se de joelhos e começava a sua prece ardente; a cada breve oração que concluía, juntava uma flor ao festão que lhe crescia, lindo. Parecia brotar-lhe dos lábios a flor que a grinalda acrescentava. Terminadas as preces, estava pronta a grinalda.”¹²

Nesta lenda, temos uma representação do gênero feminino como aquele que cuida do jardim, devoto da Virgem Maria, discreto em suas ações. A representação da devoção da menina é exaltada ao longo da narrativa, que, embora não esteja no tópico dedicado à moral e à religião, tem cunho moral fundamentado no culto à imagem da Virgem Maria. Na lenda, a castidade aparece como valor para o feminino. A menina filha do camponês e Maria, mãe de Jesus, são nomeadas de virgem, termo associado à castidade e pureza.

Com a difusão do cristianismo, o sexo das mulheres passou a ser entendido como algo a ser protegido, fechado e possuído. Dentro desta compreensão, a virgindade se tornou um valor supremo para as mulheres e, principalmente, para as moças, sendo a Virgem Maria o modelo e a protetora das virgens. Deste modo, havia uma forma de controle colocada em funcionamento,¹³ tendo como intenção preservar a reputação e a honra das moças representada pela virgindade, bem supremo de troca no matrimônio. Neste sentido, a lenda utilizada na sala de aula de Severina Silvina definia a virgindade enquanto valor de grande importância para as moças.

Ao mesmo tempo, a Igreja Católica, a Escola e o organizador do livro *Crestomatia* concordavam acerca do controle da sexualidade feminina e da vivência cotidiana da devoção à Virgem Maria. Ao selecionar e ler com suas alunas e alunos a

¹² S. S. A virgem das rosas. In: TABORDA, 1944., p. 93.

¹³ Cf. FOUCAULT, 1988.

lenda ‘A Virgem das Rosas’, a professora Severina Silvina reforçava a devoção, a castidade, a obediência enquanto valores importantes na vida das mulheres.

Outro aspecto é que, tanto nos hinos ‘Com minha mãe estarei’ e ‘Queremos Deus que é nosso pai’ quanto na lenda ‘A Virgem das Rosas’, a Virgem Maria é modelo de mulher e mãe. A filha do camponês aparece como modelo de devoção, discricção e simplicidade. Nos hinos, os filhos são representados culpados, insensatos e ingratos, pedindo e clamando pela intercessão da Virgem Maria; na lenda, a menina, também filha da Virgem Maria, aparece como exemplo de fidelidade e de zelo para com a sua imagem.

Desse modo, nas leituras escolares, assim como nas orações do mês de maio e nas orações de antes de dormir ou de almoçar, a Virgem Maria é representada enquanto modelo de mulher e de mãe intercessora. A filha do camponês aparece como modelo de devoção e de filha; e a virgindade, enquanto valor a ser obedecido.

Na formulação deste modelo de comportamento para as mulheres, notadamente as mulheres camponesas, prevalecem os preceitos do catolicismo. Naqueles anos das décadas de 1930 e 1940, por meio de leituras escolares, de uma educação feminina voltada para a constituição da família cristã, mesmo que proporcionada pelo Estado, a Igreja Católica tentava sustentar os preceitos base do discurso repressor da sexualidade das mulheres, fosse vivida no âmbito ou não da relação matrimonial. Buscava também ampliar seu poder de definir, de subjugar e controlar a função social das pessoas com base na oposição dos sexos.

No momento da publicação do livro *Crestomatia*, a partir da encíclica *Divini Illius Magistri*, de 1929, a Igreja Católica defendia suas prerrogativas no processo educacional, dizendo da necessidade da presença dos preceitos católicos como norteadores da formação dos cidadãos, defendendo, inclusive, o ensino religioso nas escolas. Dentro da política da Igreja Católica denominada de romanização, iniciada na segunda metade do século XIX, ganhava força o discurso condenatório da laicização da sociedade. Esse discurso foi bem recepcionado no Governo Vargas a partir da década de 1930. Na concepção do Estado, a educação deveria “barrar” a infiltração do comunismo, por isso o material didático deveria ter como base a religião católica e o nacionalismo para a formação do caráter.¹⁴

¹⁴ Cf. ALMEIDA, 1998; LIMA, 1978.

Em contraposição, os preceitos dos “pedagogos modernos” ou escolanovistas não dialogavam com os valores do catolicismo. A Escola Nova defendia a modernização da educação, sem a presença da Igreja. Este movimento educacional também criticava o Governo Federal pelo descaso com a educação. Assim, nos congressos educacionais e nos jornais, aumentavam as críticas quanto à presença da Igreja na educação formal e à falta de políticas eficazes do Estado para a educação e diminuição do analfabetismo.

Apesar desse movimento, tanto no livro *Crestomatia*, especialmente na lenda ‘A virgem das rosas’, quanto no Grupo Escolar de Cabaceiras, pelo menos nas aulas da professora Severina, os preceitos do catolicismo continuavam a ser valorizados e praticados.

A aproximação entre Estado e Igreja Católica marcou todo o governo de Getúlio Vargas. Ambas as instituições tinham objetivos em comum: a ordem, o nacionalismo, o patriotismo e o anticomunismo. O Estado realizava a doutrina social da Igreja na tentativa de conseguir superar o que considerava os inimigos a serem combatidos na arena político-ideológica: o liberalismo e o comunismo.¹⁵ A Igreja Católica comungava da idéia de ordem e defendia o Estado.

Igreja e Estado entendiam que a mulher era responsável pelo lar e pela educação dos cidadãos. E a Igreja Católica conclamava as mulheres para a luta em defesa da família, da religião e da pátria. Neste sentido, nas décadas de 1920 e 1930, a figura da mãe cívica passou a ser exaltada, por isso a imagem de Santa Maria foi fortemente valorizada enquanto modelo de mãe e de mulher divulgado nos meios de comunicação.¹⁶

Possivelmente considerando estas questões, Radagasio Tabora selecionou para seu livro várias lendas, entre elas ‘A virgem das rosas’, fundamentadas em valores da Igreja Católica. Neste sentido, a leitura dessa e de outras lendas na escola fazia parte da reaproximação política entre o Estado brasileiro e a Igreja Católica, especialmente no que dizia respeito à educação dos cidadãos.

Em Cabaceiras, nas décadas de 1930 e 1940, a Igreja Católica se fazia constantemente presente nos lares. O mesmo podia acontecer na escola, ou pelos menos nas aulas de algumas professoras, a exemplo de Severina Silvina, educadas em um intenso diálogo com os valores do catolicismo.

¹⁵ Cf. COSTA, S., 2007; LIMA, op. cit.; CAVALCANTE NETO, 2008.

¹⁶ Cf. RAGO, 1985; FÁVARO, 2002.

Nas leituras dos alunos e alunas de Severina, temos representações alicerçadas no pensamento cristão de devoção, de submissão, de fidelidade, de honra e de disciplina. Na narrativa de S.S. e no texto de Rui Barbosa há toda uma construção discursiva sobre a família e a pátria dentro desses valores cristãos.

Ao longo da primeira metade do século XX, orações foram ensinadas às crianças pela mãe ou por uma irmã mais velha. Os hinos ‘Com minha mãe estarei’ e ‘Queremos Deus que é nosso pai’ foram cantados nos encontros do mês de maio, quando as famílias reuniam-se para louvar a Virgem Maria. A lenda ‘A virgem das rosas’ foi lida por meninos e meninas em processo de alfabetização no Grupo Escolar Alcides Bezerra, na vila de Cabaceiras, na década de 1940.

Considerações finais

No âmbito de uma educação religiosa católica e cristã construída na rede de poder entre Igreja e Estado, que buscava disciplinar homens e mulheres, essas práticas de oração e de cânticos eram presença forte no cotidiano de homens e mulheres.

Deste modo, tanto na educação informal quanto na formal, nos templos, nas casas, na escola, o discurso católico se fazia amplamente presente. Por meio destas práticas a Igreja Católica, em Cabaceiras, nas décadas de 1930 e 1940, exercia seu poder, fazendo funcionar seu discurso disciplinador e monopolizador das atenções das pessoas. Conforme representado nos relatos orais de memória, estas práticas repressivas, que buscavam gerir a vida, aos olhos daqueles moradores eram parte de um cotidiano vivido como natural, sendo vistas como ações dos padres e dos líderes políticos preocupados com a manutenção da fé e da união e como promoção de momentos de oração e de divertimento.

Os momentos de oração, por sua vez, eram espaços para socialização do discurso disciplinador, por meio do qual a Igreja Católica buscava tornar dóceis, disciplinados, submissos os homens e as mulheres, ampliando seu poder de controle social. Todavia, os encontros para as orações foram vividos por algumas mulheres como oportunidades para entreter namoros e conversas e como momentos de diversão em meio a uma rotina árdua de trabalho. Tudo isso é recordado com saudade por mulheres que construíram suas lembranças na relação entre o tempo presente e o tempo passado.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. Estado Novo: projeto político pedagógico e a construção do saber. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 18, n. 36, 1998.
- CATECISMO. [S. l. : s. n., s. d.]
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CAVALCANTE NETO, Faustino Teatino. Relações ideológicas e imaginário social sobre comunismo: o caso paraibano (1945-1947). In: CITTADINO, Monique; GONÇALVES, Regina Célia. **Historiografia em diversidades**: ensaios de história e ensino de história. Campina Grande: Editora da UFCG, 2008. p. 101-120.
- CORBIN, Alan. A relação íntima ou os prazeres da troca. In: PERROT, Michelle (Org.). **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 503-561.
- COSTA, Simone da Silva. **Mulheres em defesa da ordem**: um estudo do Núcleo Noelista da Paraíba nos anos de 1930 a 1945. 201 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- DENIS, Padre Léo. **Memórias de Cabaceiras, 1835-1985**. Cabaceiras, 1985.
- DEL PRIORI, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- FÁVARO, Cleci Eulália. **Imagens femininas**: contradições, ambivalências, violências. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. 258 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 15. ed. São Paulo: Graal, 1988. 152 p.
- HARPA de São. Organizado pela Paróquia de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 1922.
- LIMA, Danilo. **Educação, Igreja e ideologia**: uma análise sociológica da elaboração da Lei de Diretrizes e Bases. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978. 139 p.
- LIVRO de tombo da Paróquia Nossa Senhora da Conceição, Cabaceiras, PB. Abertura em 23 de fevereiro de 1941, vigário José de Barros.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **História e memória**: a cultura popular revisitada. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.
- PISCITELLI, Adriana. Tradição oral, memória e gênero: um comentário metodológico. **Cadernos Pagu**. Campinas, v.1 , n. 1, p. 149-171, out. 1993.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar – Brasil, 1890-1930. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 209 p.
- TABORDA, Radagasio. **Crestomatia**: excertos escolhidos em prosa e verso. 17. ed. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.